

## A TRAJETÓRIA DO ARTISTA PLÁSTICO PELOTENSE “BARROS, O MULATO”

DARLENE VILANOVA SABANY<sup>1</sup>; JULIANA CAVALHEIRO RODRIGHIERO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – [dsabany@gmail.com](mailto:dsabany@gmail.com)

<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – [juh\\_rodrighiero@hotmail.com](mailto:juh_rodrighiero@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho trata-se do recorte de uma pesquisa desenvolvida na disciplina de História da Arte do Rio Grande do Sul, do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O resumo apresenta uma parte dos resultados, até então levantados, da pesquisa sobre, o pintor pelotense, Miguel Barros.

Miguel Barros nasceu em Pelotas, em 24 de agosto de 1913, começou os estudos em artes plásticas nesta cidade, onde fez as primeiras exposições na década de 1930. Neste mesmo período dividiu seu tempo entre a pintura, as atividades no Jornal "A Alvorada" e as atividades dentro do movimento negro.

Também durante esse tempo o jovem representou a "Frente Negra Pelotense" no 1º Congresso Afro-Brasileiro em Recife, ocasião que realizou a sua primeira exposição de trabalhos fora de Pelotas. Com esta, inaugurou uma série de viagens e exposições pelo Brasil e alguns países Sul Americanos. Nestas viagens buscava inspiração para suas obras, que eram, em sua grande maioria, paisagens e retratos dos diversos locais por onde circulou e das pessoas destes lugares.

Mudou-se para São Paulo e na década de 60 fixou residência em Mogi das Cruzes, onde morou até sua morte, aos 97 anos, em 2011. Pintor reconhecido fora da cidade e esquecido em Pelotas. Barros além de apresentar, desde muito jovem, uma habilidade diferenciada na arte pictórica, também se destacou por ser uma exceção entre os jovens negros em Pelotas daquele período, quer por escolher uma profissão a qual não era comum para um negro, quer por suas habilidades como cronista e editor do Jornal A Alvorada em uma comunidade majoritariamente analfabeta.

Este trabalho tem como objetivo geral compreender a trajetória do artista plástico Miguel Barros e, os objetivos específicos buscam responder: Quem foi Miguel Barros? O que este artista produziu? Mais especificamente: Como foi o período no qual viveu em Pelotas? Como foram seus primeiros anos na carreira de artista plástico? Assim, serão apresentados aqui alguns resultados da pesquisa sobre a vida e obra deste artista plástico que escolheu ser chamado: Barros, o Mulato.

### 2. METODOLOGIA

Para realizar a pesquisa com o objetivo de colocar os holofotes na história do autor e de sua obra, aqui especificamente sobre o primeiro momento da carreira de Miguel Barros, utilizou-se uma pesquisa qualitativa. A busca por informações foi feita por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Para este fim fez-se uso de técnicas de pesquisa documental, revisão bibliográfica e entrevistas para a coleta dos dados.

A primeira atividade de pesquisa aconteceu em sites e trabalhos disponíveis na internet. Nesta busca foram encontradas algumas citações com o nome de

Miguel Barros e imagens de quadros em sites de leilão de obras de arte. Partindo destas informações, iniciou-se a busca por pessoas que eram citadas, ou indicadas por outras, como detentoras de alguma informação sobre o artista. As primeiras informações foram todas de depoimentos, sem nenhum referencial escrito. Com ajuda de um informante chegou-se na principal fonte de informação: os jornais, neste momento, os locais da época.

Posteriormente, em uma busca mais meticulosa, encontrou-se o nome do artista em pequenos verbetes de dicionários de arte com alguns dados. Entre as informações, foi descoberto onde havia sido a última residência de Barros e desta forma chegou-se a um informante de Mogi das Cruzes, São Paulo, que ajudou enviando material. Seguindo a pesquisa, localizou-se em jornais e revistas do Nordeste e do Sudeste, referências sobre o pintor. Com estas informações, formou-se um mosaico onde se pode ter uma primeira visão de quem foi Miguel Barros e qual a sua importância para as artes plásticas de Pelotas naquele momento.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa por dados buscou-se informações sobre o artista em dicionários de arte. Foram consultados: “Dicionário das artes plásticas no Brasil” de 1969; “Dicionário brasileiro de artistas plásticos” de 1973; “Dicionário crítico da pintura no Brasil” de 1988; “Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul” de 2000. Poucas informações foram encontradas e muitas não eram verídicas, como pode-se constatar no texto a seguir:

A primeira que aparece em todos e está incorreta é o ano de nascimento de Barros que foi em 1913 e não 1910 (NASCIMENTOS, 1913) como consta acima. Assim como, as aulas com João Fahrion aconteceram em Pelotas e não em Porto Alegre (ARTE, 1932), nas quais aprendeu a utilizar a técnica de pintura à óleo que foi sua primeira técnica, somente algum tempo depois que ele começou a utilizar a aquarela. Sua preferência foi sempre por paisagens e retratos, realizando muitas caricaturas também. Faleceu em 2011 e não nos anos de 1900, como consta no “Dicionário crítico da pintura no Brasil”. (SABANY;RODRIGHEIRO,2020)

Com as pesquisas realizadas sabe-se que Miguel Barros nasceu em Pelotas em 1913, filho mais velho de Mercedes e João Moreira Barros, proprietário da Fábrica de Carimbos Sem Rival, de acordo com artigo de “O Diário de Mogi” (RIO, 2014). Pelotense, negro e com uma boa condição financeira, o que o diferenciava da maioria dos negros de Pelotas daquela época<sup>1</sup>.

As primeiras informações sobre sua formação e habilidades pictóricas surgem quando da sua primeira exposição. Notícias em jornais de Pelotas relatam que desde muito jovem, no estabelecimento do pai, Miguel Barros começou a esboçar suas primeiras imagens e com dezessete anos tornou-se aluno de João Fahrion e mais tarde de Leopoldo Gotuzzo. Sua primeira exposição ocorreu na “Sala Azul do Studio Inglês” em abril de 1932, onde o artista apresentou para Pelotas quarenta e um trabalhos com paisagens e figuras locais. No artigo sobre a exposição, pode-se perceber que esta causou um bom impacto, Miguel Barros foi caracterizado como possuidor de: um individualismo marcante, tendências muito bem definidas,

---

<sup>1</sup> Para compreender este quadro deve-se lembrar que desde a abolição em 1888, havia-se passado apenas 25 anos, o racismo na cidade de Pelotas era muito forte, quase criando duas cidades uma para os brancos e outra para os negros.

originalidade, precisão e detalhes anatômicos, habilidade de combinação das cores na paisagem, luz e realidade. (RIBEIRO, 1932)

Já no ano seguinte, aparecia no jornal uma outra notícia de Barros em Pelotas: ele havia exposto na Biblioteca Pública Pelotense a obra a “A Morte de Zumbi”, na semana da Raça. (SANTOS, 2004, p.136)

Pode-se constatar, pelas descrições das obras ou títulos, que neste início de carreira Barros ou busca retratar paisagens, ou trabalhava com temas ligados a cultura e a luta dos afrodescendentes. Esta última pode ser exemplificada com o quadro, acima citado, “Morte de Zumbi”, e também na escolha de pessoas negras em suas telas. Então, percebe-se que tanto a carreira de pintor, como a participação nas lutas da raça negra caminhavam juntas, uma influenciando a outra. Neste ano de 1933 ele faz uma doação ao Jornal Diário Popular de uma tela intitulada “Heroica República dos Palmares” (V.M.,1933), outro exemplo de sua temática. Isto também pode ser observado no ano de 1934, quando ocorre o 1º Congresso Afro-Brasileiro no qual Barros foi como participante e representante da Frente Negra Pelotense, mas também “vai a Recife expor uma bela coleção de telas, aproveitando a instalação do congresso” (MONQUELAT, 2018) levou telas e fez uma exposição em Recife.

Desta maneira seguiu a carreira de Barros e nas buscas encontrou-se informações sobre vários locais por onde ele passou e realizou exposições. Pode-se citar: Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Maceió, Foz do Iguaçu, Natal, Belo Horizonte, Piracicaba, Mogi das Cruzes, Belém, João Pessoa, Fortaleza, Olinda, Salvador e Buenos Aires. Até o momento já se encontrou relato de mais de vinte e cinco exposições. Nestas ele apresentava 40, 50, 60 e até 100 trabalhos em cada.

Além das pinturas, Barros também produziu muitas caricaturas e algumas capas de revistas. Ele também publicou artigos em jornais os quais constituíram seu livro “Teoria sem número”. A partir dos anos 30 anos ele começa a assinar seus trabalhos como Barros, O Mulato. A cidade de Mogi das Cruzes orgulha-se de seu ilustre morador. Isto fica claro com a criação de um Prêmio de Arte com o nome do artista e recentemente, com a criação da Academia Mogiense, a designação da cadeira número cinco ter como patrono Miguel Barros.

#### 4. CONCLUSÕES

O trabalho atualmente já possui uma boa base de dados sobre a vida e obra do artista, embora algumas lacunas ainda não tenham sido preenchidas. Com este trabalho pode-se constatar que Barros, O Mulato seguiu o caminho semelhante de muitos dos artistas do mesmo período. Começou sua carreira em Pelotas, tendo como professor um reconhecido pintor, João Fahion, fez ilustrações de revistas da época, expôs em diferentes cidades do Brasil e exterior e acabou mudando-se para o Sudeste.

Mesmo hoje não sendo lembrado na história de Pelotas teve um grande envolvimento com a cultura da cidade no começo do século XX. Como artista plástico, movimentou o cenário da cidade, participou ativamente no movimento negro, assim como, fundou alguns grupos de defesa dos afrodescendentes. Atuou na área jornalística, quer como redator do Jornal A Alvorada, quer como editor do mesmo. Considerando o período em que viveu, pode-se dizer que Barros era um intelectual da época.

Não houve ainda o levantamento de todos os dados biográficos de Miguel Barros, neste período aqui apresentado, de quando vivia em Pelotas, há uma lacuna

de informações da data de seu nascimento até a primeira exposição na cidade. Em uma continuação da pesquisa existe a necessidade de construir um catálogo com a produção artística de Barros.

Embora tenha achado o seu reconhecimento como artista em Mogi das Cruzes, Pelotas ainda está devendo isto a Barros, O Mulato. Ter o seu nome colocado na história das artes plásticas da cidade, ter a sua história repassada para as novas gerações, não só como um artista plástico, mas como um artista plástico negro de Pelotas.

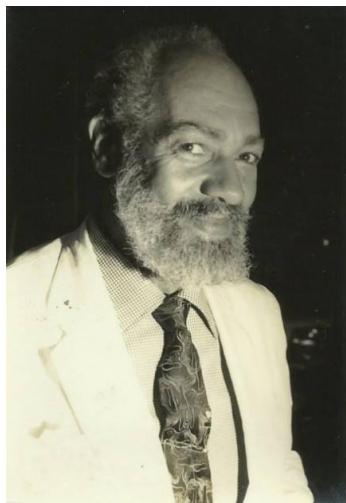


Imagen 1 - Miguel Barros ou Barros, O Mulato.  
Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Augusto Vianna do Rio

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTE: PINTURA. **O Libertador**, Pelotas, p.02, 23 de abril 1932.

MONQUELAT, A. F. **Barros, o Mulato, e a Frente Negra Pelotense**. Acessado em 24 de abril 2018. Online. Disponível em: [pelotasdeontem.blogspot.com.br](http://pelotasdeontem.blogspot.com.br) .

RIBEIRO, E.. A Margem da Exposição: Miguel Barros. **Diário Popular**, Pelotas, p. 08, 28 de abril 1932.

RIO, L. A. V. do. Barros, O Mulato. **O Diário de Mogi**, Mogi das Cruzes, 19 de dez. 2014.

SABANY, D.V. ; RODRIGHIERO, J.C. História apagada: Barros, o Mulato, o pintor negro de Pelotas. **RELACult**, V. 06, ed.especial, mar., 2020, artigo nº 1763, claec.org/relacult, e-ISSN: 2525-7870. Acessado em 23 de set. 2020. Online. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v6i4.1763> .

SANTOS, J. A. dos. Trabalhadores e Movimento Negro: Negociação e Conflito no Sul do Brasil. **Revista de História Saeculum**, nº 10, jan./jul. 2004, p. 113-140. Acessado em 05 de jul. 2018. Online. Disponível em: [www.periodicos.ufpb.br](http://www.periodicos.ufpb.br) .

V.M. Notas de arte. **Diário Popular**, Pelotas, p. 04, 22 de out. 1933.